

UMLAUTIZAÇÕES*

Maria Vitória Oliveira
Aux. de Ensino do Dep. de
Letras Germânicas

RESUMO

Este trabalho apresenta uma reinterpretação do umlaut, mais precisamente, da anteriorização de vogais posteriores, em alemão moderno dentro do modelo de fonologia natural pura de Jean-Pierre Angenot. O corpus estudado consiste de uma seleção de palavras contendo vogais umlautizadas e daquelas que, não sofrem a aplicação da regra de umlaut, apesar de apresentarem ambiente condicionador da mesma. A análise dos dados, segundo o modelo adotado, revela que o umlaut - um fenômeno fonológico natural - pode ser explicado em termos puramente fonológicos sem fazer uso de qualquer outro tipo de condicionamento. O modelo também explica satisfatoriamente as formas tratadas por outros autores como exceções, e formas que não foram abordadas pela literatura.

* Este artigo é uma versão condensada da dissertação de Mestrado da mesma autora, apresentada à Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre em Letras (Linguística).

INTRODUÇÃO

O umlaut constitui um processo integrante da gramática das línguas germânicas. No caso do alemão moderno, por exemplo, está constatada a produtividade desse processo ao gerar inúmeras formas fonéticas. A literatura registra, no entanto, a ocorrência de itens com comportamentos idiossincráticos em relação à regra que postula a anteriorização de vogais posteriores, diante de vogal anterior alta. Esses casos idiossincráticos são explicados de maneiras diversas. Assim, Zwicky define o umlaut como um processo morfológico da gramática do alemão moderno. Já Bach & King, ao apontarem as falhas da análise de Zwicky, admitem representações subjacentes excessivamente abstratas que permitem a inclusão do umlaut nos processos fonológicos da gramática alemã, gerando as formas-problema através de uso de traços diacríticos-de-regra. Robinson, por sua vez, defende uma abordagem de análise do umlaut que consiste de uma listagem de contextos morfológicos heterogêneos, sem possibilidade de ser detectada qualquer generalização sobre esse processo.

Dada a incidência de citações sobre o umlaut na literatura lingüística e a constatação de que as soluções propostas incluem sempre recursos questionáveis em termos de sua validade lingüística, o presente artigo, fundamentando-se em dados levantados do alemão padrão, propõe uma reinterpretação desse fenômeno com base no modelo de fonologia natural pura de Jean-Pierre Angenot, que postula um componente fonológico totalmente independente dos demais níveis gramaticais, dos condicionamentos não-fonológicos e da ordenação extrínseca de regras. Esse modelo inclui infra-segmentos, i.e., segmentos subjacentes subespecificados por degeneração, e a distinção entre limite de morfema e limite de formativo, justificada pela diferença existente entre analogia fonética - assimilação - e analogia conceitual - dissimilação e não-assimilação.

REINTERPRETAÇÃO DOS DADOS

i-UMLAUT NO ALEMÃO PADRÃO

Em alemão constata-se a ocorrência de vogais posteriores em ambientes condicionadores de umlaut. A regra de anteriorização de vogais atua em formas como *Gäste*, *pünktlich*, *fährt*, *Löwe*, *Häuser* e não se realiza em formas com *Arme*, *gastlich*, *buschig*. A anteriorização de vogais posteriores curtas e longas /u, o, a/em, ü, ü, ö, ö, ä, ä/e do ditongo /au/em /äu/em determinados ambientes, designa-se umlaut ou i-umlaut e é simbolizado graficamente por um trema sobre a vogal ou por um e seguindo a mesma.

Ao tentar descrever o processo de umlaut no alemão moderno,

Zwicky, citado por Bach & King, argumenta em favor de uma análise morfológica dos dados. Assim, propõe os traços morfológicos $[\pm \text{umlaut}]$ e $[\pm \text{alternável}]$ para os radicais e $[\pm \text{umlaut}]$ para o sufixo. Com esses traços e as seguintes regras¹, todas as vogais umlautizadas são geradas:

R1 Atribuição da especificação umlaut ao sufixo:

$$[\text{+plural}] \rightarrow [\text{+umlaut}] / \left[\begin{array}{l} \text{+umlaut} \\ \text{+alternável} \end{array} \right] \text{---}$$

R2 Atribuição da especificação umlaut ao radical:

$$\left[\begin{array}{l} \text{+umlaut} \\ \text{-alternável} \end{array} \right] \rightarrow [\text{+umlaut}] / \text{---} [\text{+umlaut}]$$

R3 Umlautização:

$$\left[\begin{array}{l} \text{+umlaut} \\ \text{+acento} \end{array} \right] \rightarrow [-\text{posterior}]$$

Bach & King, utilizando os mesmos dados estudados por Zwicky, apontam a impropriedade de uma análise em que o umlaut de uma combinação de um radical não-alternável mais um sufixo neutro é determinado pelo radical², enquanto que a combinação da mesma espécie de radical com sufixo causador de umlaut é determinado pelo sufixo³. Além disso, não concordam com a classificação dos sufixos *-ig* e *-lich* como neutros em relação ao umlaut. Registram exemplos, tais como *Busch/Büschelbuschig* e *Gast/Gästelgastlich*, que falsificam a hipótese proposta por Zwicky, de que é possível predizer que não existem radicais com umlaut seguidos de sufixos neutros e, radicais sem umlaut, combinados com sufixos provocadores de umlaut. Torna-se necessário, portanto, incluir traços negativos-de-regra para dar conta dos exemplos citados. A partir dessa constatação, Bach & King propõem uma análise que permite o uso de traços negativos-de-regra e que exclui o tratamento morfológico do umlaut no alemão moderno por não explicar a mudança fonológica envolvida, i. e., a passagem de vogais posteriores a anteriores, por não deixar explícito que os sufixos que causam umlaut são exatamente aqueles que têm vogais anteriores altas e por omitir a conexão entre a mudança fonológica do radical e a propriedade fonológica do sufixo. Baseando-se nesses argumentos, os autores citados tentam uma explicação estritamente fonológica e propõem inicialmente que o umlaut seja introduzido pela regra abaixo, bastante semelhante à constatada em estágio anterior da língua:

$$[\text{+silábico}] \rightarrow \left[\begin{array}{l} \text{-posterior} \\ \text{-baixo} \end{array} \right] / \text{--- } C_0 \left[\begin{array}{l} \text{+silábico} \\ \text{-posterior} \\ \text{+alto} \end{array} \right]$$

Com essa regra e com as representações subjacentes apropriadas dos sufixos, geram-se formas como *Hund/hündisch, gut/gutig, Hahn/hähnisch, Gott/göttlich, Tag/täglich*. Assim, essa abordagem soluciona centenas de alterações e prediz modificações em um número indefinido de inovações contendo sufixos e vogais anteriores altas.

Uma vez que para Bach e King, os traços negativos-de-regra dão conta dos casos que não apresentam umlaut, mesmo quando possuem ambiente condicionador da aplicação da regra, resta somente examinar a solução apresentada por esses autores para as formas que possuem umlaut sem que contenham ambiente condicionador para a aplicação da regra, a saber: a) nomes contendo sufixo de plural, b) adjetivos monossilábicos com sufixo comparativo ou nomes monossilábicos com sufixo de diminutivo, c) vocábulos com mais de uma sílaba e com umlaut da vogal tônica e d) vocábulos monossilábicos.

Como nos casos em que ocorrem sufixo de plural e diminutivo a vogal da sílaba final atualiza-se em "schwa", os referidos autores propõem, com base em evidências independentes do processo de umlaut, que a vogal reduzida, *i* e *[ɔ]*, não ocorra na estrutura fonológica, mas surja através de uma regra de enfraquecimento vocálico. Desse modo, a vogal *fi*, entre outras, serve de fonte geradora do "schwa" fonético. Consequentemente, o "schwa" ocorrente em sílaba final de formas que sofrem o processo de umlaut, deriva-se da vogal */i/*. Nos demais casos, em que a regra do umlaut não atua, o "schwa" resulta da vogal subjacente */u/*. Uma regra posterior transtorna as vogais átonas, em sílaba final de palavra, em "schwa", exceto antes de *-n*, *-sch* e *-g*.

Por outro lado, os itens dissilábicos tais como *Bruder* e *Mutter* são considerados monossilábicos na estrutura subjacente para evitar que a regra de umlaut se aplique. Em seguida, uma outra regra de inserção vocálica é responsável pelo aparecimento do "schwa" e pela transformação do vocábulo em dissilábico. Uma regra de elisão vocálica que se aplica aos radicais terminados em *-el*, *-en*, *-er*, *e* e aos sufixos diminutivos *-chen* e *-lein* causa a ausência da marca de plural nessas formas. Por fim, os radicais monossilábicos com umlaut que não alternam com formas sem umlaut contêm, nas suas formas básicas, vogais sem umlaut, mais a marca de uma regra menor de apagamento de *i*4. Bach & King, portanto, não postulam vogais subjacentes com umlaut5.

O umlaut voltou a ser estudado por Robinson que critica a interpretação proposta por Bach & King por ser demasiadamente abstrata, uma vez que faz uso de distinções fonológicas em representações subjacentes que se neutralizam sempre na superfície pela aplicação de regras de contexto livre. Concordando com os princípios teóricos da fonologia gerativa natural, primeiramente elaborada por Theo Vennemann, que distingue regras fonológicas produtivas, condicionadas

foneticamente, de regras não-produtivas com condicionamento morfológico, Robinson argumenta que a regra de umlaut perde o seu condicionamento fonético original e torna-se uma regra-esquema⁶, formada por um conjunto de contextos morfológicos. Desse modo, cada contexto morfológico que mostra umlaut pode apresentar-se como sub-regra de umlautização. Essa interpretação, embora feita dentro do modelo de fonologia gerativa natural de Vennemann, tem em comum com as posições de Zwicky e a de Wurzel⁷ o fato de esses autores darem ao umlaut um enfoque morfológico. Em consequência da análise concreta do umlaut, que inclui uma série de regras disjuntivas, as possíveis mudanças futuras do fenômeno podem ser explicadas, uma vez que, na opinião de Robinson, as regras de umlaut podem ser independentemente sujeitas a perda ou redução de âmbito e podem ser aumentadas em âmbito ou reordenadas.

Convém ressaltar que as várias reinterpretações do umlaut citadas neste trabalho demonstram as dificuldades de encontrar-se uma solução lingüística válida para o problema. Sem dúvida, Zwicky e Robinson complicam o modelo gramatical ao permitirem regras fonológicas condicionadas morfológicamente. Além disso, Robinson admite regras totalmente produtivas ou totalmente não-produtivas. Essa categorização de regras não se justifica empiricamente, pelo menos, em relação ao umlaut. O próprio Robinson invalida a sua classificação ao referir-se ao comportamento de formas, introduzidas recentemente no léxico de vários dialetos alemães e oriundas do holandês, como *zok* e *koup*, que contêm a vogal com umlaut nos itens de plural *zök* e *kuip*. Esse fato comprova que a regra de umlaut possui, pelo menos, relativa produtividade.

A proposta de Bach & King, por sua vez, tem o mérito de incluir o umlaut entre os processos fonológicos da língua. Entretanto existem casos de umlaut que não são explicados satisfatoriamente por essa abordagem, tais como séries fônicas com vogais umlautizadas, quando o ambiente condicionador da regra de umlaut está ausente foneticamente. Além disso, não há como justificar de maneira não-arbitrária que o plural de *Gast* seja *Gäste*, enquanto que *Arm* se pluraliza em *Arme*. Ao mesmo tempo, itens como *gaslich* e *buschig*, que apesar de preencherem as condições exigidas para a aplicação da regra de umlaut, não contêm vogais com umlaut, levam os autores a inserirem, na análise, traços diacríticos-de-regra, com o objetivo único de fazerem tal análise funcionar.

Os autores citados neste trabalho identificam-se ao postularem que para dar conta de todos os casos em que ocorre o umlaut no alemão moderno, tem-se que recorrer, no tratamento fonológico, a traços não-fonológicos e, no tratamento morfológico, a traços fonológicos.

Este estudo, no entanto, na análise dos itens *gastlich*, e *buschig*, evita a utilização de qualquer tipo de diacrítico justificado somente por ser capaz de gerar "outputs" corretos. Além disso, com base na comparação dos itens mencionados com outros itens compostos pelos mesmos sufixos, registram-se diferenças que podem ser relacionadas ao tipo de limite que separa o radical do sufixo.

Essa solução fundamenta-se na constatação de que o limite de morfema, (+), favorece a aplicação de regras de assimilação enquanto que o limite de formativo⁸, (=), que ocorre normalmente na separação entre radical e afixos, dificulta ou mesmo impede, tais assimilações.

Resta, no entanto, justificar a anulação de dois processos naturais, aparentemente conflitantes sobre um único processo fonológico — a umlautização. A realidade empírica dessas forças contraditórias comprova-se na análise diacrônica de línguas humanas. Vennemann, assim se posiciona, diante das causas de mudança lingüística:

*"In discussions of linguistic change, one must consider motivations for change along with the functions of change in grammars as symbolisation devices, with two ends, a conceptual and a phonetic one."*⁹

Johnson, por sua vez, concorda com Vennemann e admite que duas tendências em conflito são fatores de mudança lingüística. Assim, a assimilação simplifica estruturas fonológicas, enquanto que a dissimilação conduz à otimização da simbolização lingüística. A assimilação, portanto, reduz distinções em morfemas e a dissimilação as conserva ou introduz. O referido autor afirma:

*"Perceptual factors preserve distinctions within morphemes. Dissimilation is a perceptual universal, that is, a natural rule whose function is to enhance the prominence of concatenated morphemes. This entails distinguishing affixes from stems or in other words, making stem boundaries more prominent. There is a perceptual value in the prominence of segments within morphemes."*¹⁰

Com efeito, a assimilação umlautizante provoca um enfraquecimento da distintividade dos morfemas tornando o radical, em nível fonético, mais semelhante ao sufixo, de modo que o núcleo silábico do sufixo, i.e., /i/ tende a reduzir-se em [ə] e, finalmente, a desaparecer. Ao contrário, a reestruturação de, (+), em (=), que sofrem determinados itens, provoca uma resistência à umlautização assimilante, i.e., mantém a distintividade entre o radical e o sufixo. A ausência de assimilação fonética, em contexto "normalmente" assimilante, pode ser equiparada a um

processo de dissimilação latente. Johnson distingue claramente os dois processos ao afirmar:

*"While assimilation is phonetically motivated, dissimilation is motivated by perceptual (psychological) factors, and is a natural process which operates to preserve this distinctiveness of the stem-affix relationship."*¹¹

Considera-se que uma não-assimilação, aparentemente excepcional, está motivada também por fatores perceptuais, assim como uma dissimilação.

Por outro lado, a análise, formulada por Bach & King, para os itens lexicais que terminam, foneticamente, na vogal reduzida "schwa", ignora a condição forte de alternância proposta por Kiparsky (1968), embora não negue a posição de Kiparsky (1973). Ao mesmo tempo, a referida análise contradiz princípios defendidos por Vennemann, Hooper e Robinson, entre outros.

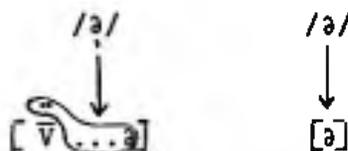
Não resta dúvida que a seleção da vogal /i/ para representar a forma subjacente do [ə] de itens que possuem vogais umlautizadas, apoia-se no fato de ser [i] o sufixo de plural dos nomes e, nesses casos, as formas estarem no plural. A indicação da vogal /u/, no entanto, para servir de base aos "schwas" fonéticos de itens que não apresentam vogais umlautizadas, demonstra, sem dúvida, por parte dos autores, conhecimento das mudanças lingüísticas que ocorreram em estágios anteriores do sistema. Essa correspondência entre a forma abstrata, proposta na gramática contemporânea, e a vogal diacronicamente comprovada não constitui, porém, argumento suficiente para justificar a validade da análise. Além disso, após a escolha do /i/ como fonema sistemático de determinados "schwas", torna-se arbitrária a seleção de /u/ para os demais casos, pois /e/ poderia ser do mesmo modo escolhido, uma vez que ambos os segmentos são igualmente marcados e diferem de /i/ apenas por um traço. A falta de referência por Bach & King ao /ü/ como forma subjacente possível do [ə], desde que esse segmento difere do /i/ também apenas por um traço, justifica-se implicitamente pelo fato de que o /ü/ é um segmento mais marcado, i. e., menos universal do que /u/ e /e/.

A maior restrição feita por este trabalho à análise de Bach & King não se relaciona com a recorrência ao processo de neutralização absoluta, mas refere-se à arbitrariedade na identificação da variante morfológica do plural ocasionada pela ausência de restrições à utilização de formas excessivamente abstratas. Os próprios autores assim se expressam:

"We want a vowel that differs minimally from /i/ and if possible shows alternations with [ə]. There are two

candidates: /u/ and /e/. We have been working under the assumption that /u/ is the correct choice, but alternations like Charakter Charaktere show that other vowels may be involved. In any case, we bypass that /i/ and some other vowel or vowels underlie one set of occurrences of 'schwa'.¹²

A fonologia natural pura aceita também a neutralização absoluta, com as restrições impostas por Kiparsky através da "weak alternation condition". Observa-se que tanto a condição fraca de alternância como a forte exigem que os fonemas sempre idênticos foneticamente, tenham as mesmas representações subjacentes. Desse modo, concordando com tais restrições, o presente estudo admite que as representações subjacentes de *Gäste* e *Armee* sejam respectivamente um "schwa" palatalizado que na forma superficial se apresenta como um "schwa" e a umlautização da vogal precedente e um "schwa" que não se modifica no decorrer da derivação. As duas estruturas, portanto, identificam-se a:

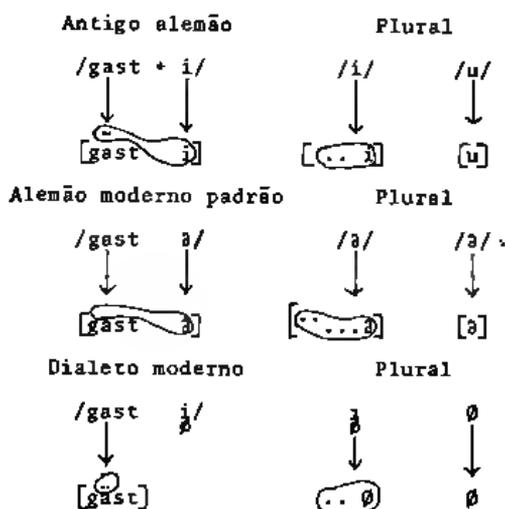


Nesse caso, as duas variantes não expressam distribuição complementar fonética do mesmo morfema, mas uma distribuição complementar morfo-lexical (fonologizante) dos morfemas resultante da regra de fonologização seguinte:

$$/Plural/ \rightarrow \left\{ \begin{array}{c} \text{ə} \\ \cdot \\ \text{ə} \end{array} \right\} - \left\{ \begin{array}{c} \text{X} \\ \text{Y} \end{array} \right\} -$$

A escolha de [·ə] ou de [ə] é lexicalmente determinada, no nível fonologizante, i.e., no encontro da forma e do sentido, por um conjunto X de nomes associados a um plural que se manifesta foneticamente por [·ə] e por um conjunto complementar Y de nomes associados a um plural que se manifesta foneticamente por [ə]. Trata-se de duas variantes do morfema plural, cada uma com uma única realização fonética, ou melhor sem alternância. Cada variante morfológica tem um único morfe (e não vários alomorfes) e a forma fonológica do morfema é igual à forma fonética do único morfe, como no caso do singular /gast/ → [gast̪]. Entretanto, se o único morfe é um morfe do tipo intrincado em outro, descontínuo ou não, é impossível segmentá-lo foneticamente. Em consequência, a forma fonológica do morfema não é igual à forma fonética desse único morfe intrincado. Dois morfemas intrincados não descontínuos resultam da fusão

de dois morfemas, um deles consistindo de um infra-segmento, i. e., um segmento subespecificado por degeneração. O morfema de plural alterna-se em formas apresentadas nos seguintes esquemas, a depender do dialeto estudado:



Diferentes soluções foram encontradas na literatura para a interpretação das vogais umlautizadas ocorrentes em itens monossilábicos. King afirma não haver encontrado qualquer motivação satisfatória que permitisse eliminar as vogais umlautizadas das representações subjacentes. Bach & King, por sua vez, não admitem vogais com umlaut subjacentes, e consideram que essas formas são derivadas da vogal /i/, condicionadora da aplicação da regra de umlaut e, além disso, marcada com o traço [+regra menor de apagamento de i].

Os dados consultados não justificam qualquer proposta de interpretação desses itens monossilábicos a não ser a inclusão das vogais umlautizadas em nível fonêmico. Estudos diacrônicos constatam que, já no fim do período do médio alto alemão, houve uma reestruturação do seu sistema fonêmico e a inclusão no mesmo das vogais umlautizadas. Assim, em itens como *für* admite-se a mesma vogal subjacente /ü/, embora no nível fonotático seja derivado de /u/. Nesse nível, deriva-se também o "schwa" que, sempre expressa uma redução degenerativa de uma vogal plena.

Resta somente examinar as palavras que se apresentam superficialmente tanto com umlaut como sem umlaut, e que não foram citadas pelos autores consultados. A análise desses dados não constitui problema, caso o grau de produtividade das regras fonológicas tenha valores relativos e não absolutos. Assim, a regra apresenta-se totalmente produtiva em relação a itens como *höflich*, *glücklich* que contém o limite de morfema (+). Essa mesma regra atua como regra variável para itens como *lüchtig*, *luchtig* e jamais se aplica em itens como *gastlich*, *buschig* que apresentam o limite de formativo, (=). Em outros termos, a representação subjacente de cada entrada lexical deve conter o indicador numérico do grau de produtividade que diz respeito à regra de umlautização.

O caso dos empréstimos, sem o causador de umlaut presente foneticamente, também não foi abordado pelos autores citados. A presença do umlaut nesses itens confirma a integração das vogais umlautizadas no sistema vocálico alemão (cf. *Likör*, *Amöbe*, *nervös*, *regulär*, *Fraternität*, *Ägypten*, etc.).

Todas as regras pré-fonologizantes e fonológicas propostas pela fonologia natural pura para gerarem as vogais umlautizadas no alemão padrão estão esquematizadas a seguir e são rescadadas na derivação dos mesmos exemplos usados por Bach & King e Robinson:

A. Regras pré-fonologizantes

R₁ Processo de redução vocálica em "schwa"

- a) $\left[\begin{array}{l} -\text{acento} \\ -\text{posterior} \\ +\text{alto} \\ \text{xFi} \end{array} \right] (\rightarrow) \left[\begin{array}{l} -\text{acento} \\ -\text{posterior} \\ -\text{xFi} \end{array} \right]$
 i.e., i (→) ə (schwa palatalizado)
- b) $\left[\begin{array}{l} *-\text{silábico} \\ -\text{acento} \end{array} \right] (\rightarrow) [-\text{xFi}]$
 i.e., Ǟ (→) ə

R₂ Processo degerativo de vogal

- a) $\left[\begin{array}{l} -\text{posterior} \\ -\text{xFi} \end{array} \right] (\rightarrow) \left[\begin{array}{l} -\text{posterior} \\ \emptyset\text{Fi} \end{array} \right]$
 i.e., ɨ (→) ɘ
- b) $\left[\begin{array}{l} *-\text{silábico} \\ -\text{xFi} \end{array} \right] (\rightarrow) \emptyset$
 i.e., ɘ (→) ɘ

R₃ Processo degenerativo de limite de palavra fonológica
(= grupo rítmico)

$$\# (\text{---}) = (\text{---}) + (\text{---}) \emptyset$$

R₄ Processo de anteriorização de vogal arredondada
(Processo paradigmático, via ditongação)

$$u (\text{---}) \text{uu} (\text{---}) \text{iu} (\text{---}) \text{ü}$$

B. Regras fonológicas

As derivações são produzidas pelas regras seguintes ordenadas intrinsecamente:

Ra Umlautização

$$[+\text{silábico}] \rightarrow [-\text{posterior}] / \text{--- } C_0 + C_0 \left\{ \begin{array}{l} [-\text{posterior}] \\ [+alto] \\ [+x\text{Fi}] \\ [(-x, \emptyset)\text{Fi}] \end{array} \right\}$$

i.e., $V \rightarrow V / \text{--- } C_0 + C_0 (i, \emptyset, i)$

Rb Depalatalização de "schwa"

$$[-x\text{Fi}] \rightarrow [-x\text{posterior}] / \left\{ \begin{array}{l} +\text{silábico} \\ -\text{posterior} \end{array} \right\} C_0 + C_0 \text{---}$$

i.e., $\emptyset \rightarrow \emptyset / V C_0 + C_0 \text{---}$

Rc Apagamento de palatal flutuante

$$\left[\begin{array}{l} -\text{posterior} \\ \emptyset\text{Fi} \end{array} \right] \rightarrow \emptyset / \left\{ \begin{array}{l} +\text{silábico} \\ -\text{posterior} \end{array} \right\} C_0 + C_0 \text{---}$$

i.e., $\frac{1}{\emptyset} \rightarrow \emptyset / \bar{V} C_0 + C_0$

Derivação

	/hund + 13/	/gast + 3/	/Za:R + 1/2/	/gast = 11q/	/a:Ru + 1/	/pa:Rt/	/lô:u/	/fû:R/
Ra	hũnd + 13	gãst + 3	fã:R + 1/2					
Rb		gãst + 3						
Rc			fã:Rt					
	[hũndũ]	[gãstũ]	[fã:Rt]	[gast=11q]	[a:Ru]	[pa:Rt]	[lô:u]	[fũ:R]

CONCLUSÕES

Concluindo, apresenta-se um quadro com os traços usados por todos os autores citados neste trabalho:

CONDICIONAMENTO DAS REGRAS DE UMLAUT

	Fonológico		Não-fonológico			
	Segmentos	Limites	Gramatical		Traços Diacríticos de regra	
			Sintático	Morfológico	-R _k	+R men. k
Zwicky	+	-	+	+	+	-
Bach & King	+	-	-	-	+	+
Robinson	+	-	+	+	+	-
Oliveira	+	+	-	-	-	-

NOTAS

1 Essas regras são citadas por Zwicky e foram formalizadas pelo autor do presente trabalho.

2 Cf. derivação de Gäste. Oliveira, p.32

3 Cf. derivação de hündisch, loc. cit.

4 As cinco regras fonológicas propostas por Bach & King foram formalizadas pelo autor do presente artigo da maneira seguinte:

R₁ Umlautização

$$[+silábico] \longrightarrow \begin{bmatrix} -\text{posterior} \\ -\text{baixo} \end{bmatrix} / \text{--- } C_0 \begin{bmatrix} +\text{silábico} \\ -\text{posterior} \\ +\text{alto} \end{bmatrix}$$

R₂ Apagamento de i: (regra menor)

$$i \longrightarrow \emptyset / \text{--- } \#$$

R₃ Redução vocálica em "schwa"

{u, i} → ə

Condição: /l/ não pode ser seguido de /n, s, ʃ, ç/

R₄ Inserção de "schwa"

∅ → ə / {d, t} — r

R₅ Apagamento de "schwa"

ə → ∅ / ə {l, n, r} —

5 King (1969, p. 101) propõe para as formas não-alternáveis vogais umlautizadas subjacentes devido à reestruturação que houve no sistema vocálico alemão, a partir do período do médio alto alemão. Entretanto Bach & King (1970, p. 16) não admitem vogais-umlaut ao nível fonêmico, senão para as formas dialetais. Observa-se que, no texto de 1970, o autor não faz alusão a essa modificação de interpretação.

6 Para maiores detalhes sobre a regra apresentada por Robinson, ver Oliveira, op. cit., p. 28, 30 e 35

7 Robinson, p. 3

8 Designa-se limite de formativo o limite interno da palavra (=), utilizado em Chomsky e Halle (1968), sem denominação própria.

9 Vennemann, *Phonetic analogy and conceptual analogy*. In: — & Wilbur, p. 22

10 Johnson, p. 49

11 Ibid., p. 53

12 Bach & King, p. 10

SUMMARY

The investigation offers a reinterpretation of the umlaut, more precisely the fronting of back vowels in modern German, within the model of pure natural phonology developed by Jean-Pierre Angenot. The corpus studied consist of a list of words containing vowels conditioned by the umlaut and another of examples in which this rule is not applied, though the conditioning environment of the umlaut does occur. Analysis of the data within the framework of the model adopted reveals that

the umlaut - a natural phonological phenomenon - can be explained in purely phonological terms without the use of any further conditioning. The model also explains satisfactorily forms treated by other authors as exceptions, and forms not treated in the literature.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGENOT, Jean Pierre. *Classes phonologiques naturelles; panchronie et principe dégénératif*. Salvador, Instituto de Letras da UFBA, 1977. 16f. mimeog. Comunicação apresentada ao XVe. Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes, Rio de Janeiro, jul. 1977.
- . *Sobre o critério da produtividade em fonologia*. Salvador, Instituto de Letras da UFBA, 1978. 22f. mimeog. Comunicação apresentada ao III Encontro Nacional de Linguística, PUC, Rio de Janeiro, out. 1978.
- . *Sub-especificação e fonologia gerativa natural; exemplos africanos*. Salvador, Instituto de Letras da UFBA, 1977. 42f. mimeog. Comunicação apresentada ao II Encontro Nacional de Linguística, PUC, Rio de Janeiro, out. 1977.
- BACH, E. & KING, R. D. Umlaut in modern German. *Glossa*, Burnaby, Can., 4(1):3-21, 1970.
- JOHNSON, Lawrence. *Dissimulation as a natural process in phonology*. s.l., s.ed., 1973. (Stanford Papers in Linguistics, 3)
- KING, Robert D. A case history: high German umlaut. In: ———. *Historical linguistics and generative grammar*. Englewood Cliffs, N.J., Prentice Hall, 1969. p.92-104.
- OLIVEIRA, Maria Vitória. *Umlautizações*. Salvador, 1979. 68f. mimeog. Dissertação - Mestrado em Linguística - UFBA.
- ROBINSON, Orrin Warner. Abstract phonology and the history of umlaut. *Lingua*, Amsterdam, 37:1-29, 1975.
- DER SPRACH-Brockhaus; *Deutsches Bildwörterbuch für jedermann* 7. durchges. Aufl. Wiesbaden, F.A. Brockhaus, 1964. 800p. il
- VENNEMANN, T. & WILBUR, T. H., ed. *Schuchardt, the neogrammarians, and the transformational theory of phonological change*. Frankfurt am Main, Athenäum, 1972. (Linguistische Forschungen, 26) *Universitas*, Salvador, (27) 39-72, out./dez. 1979